



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para ler as feiras livres de Barreiras: uma percepção sócio-cultural dos alunos de comunicação social da FASB¹

Maria Teresa Xavier Martins²

Roberto Marden Lucena³

RESUMO

A realização de um trabalho desenvolvido com os alunos do Curso de Comunicação Social da Faculdade São Francisco de Barreiras – FASB gerou as reflexões ora desenvolvidas neste texto. Com o objetivo de promover uma atividade prática de inserção na comunidade associada a uma fundamentação teórica promovida em sala de aula, os alunos realizaram uma pesquisa exploratória nas feiras livres de Barreiras, cidade estrategicamente localizada na Região Oeste da Bahia. O trabalho inscreve-se numa proposta “interdisciplinar” de percepção sócio-cultural dos dois principais espaços de aglutinação de valores, crenças, costumes e outras relações locais para além das trocas de objetos. Neste caso, lidar com as pluralidades, mesmo se constituindo em desafio universal, representa a possibilidade de tecer leituras acerca das manifestações culturais de uma localidade mediante pressupostos teóricos anteriormente colocados em sala de aula pelas disciplinas *Teoria da Comunicação* (Cultura de Massa e Folkcomunicação), *Comunicação Comparada* (informação e “glocalização”) e *Redação e Expressão Oral* (semiose cultural). Mesmo divididos em grupos, todos ficaram responsáveis pelo levantamento, observação e análise de determinados aspectos sobre as mencionadas feiras. Os resultados preliminares foram apresentados em forma de relatórios, exposição de fotografias e exibição de vídeos. As feiras se constituem em territórios consagrados às negociações, encontros sociais, conversas e outras relações que delimitam um espaço “sagrado e profano”, repleto de vozes e imagens.

Palavras-chaves: folkcomunicação, feira livre, semiose cultural.

¹ Trabalho apresentado no NP17 – Núcleo de Pesquisa Folkcomunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

² Formada em Letras (UFMG), Mestre em Ciência da Literatura (Semiologia) pela UFRJ e Professora de Comunicação e Expressão dos Cursos de Direito e Comunicação Social da Faculdade São Francisco de Barreiras - FASB (mariateresa@fasb.com.br).



1. INTRODUÇÃO

A feira é, indiscutivelmente, uma instituição milenar que reúne muitos elementos definidores das manifestações culturais, especialmente quando se trata de pensar a sua existência e permanência em regiões problemáticas como o Nordeste do Brasil.

No caso específico da cidade de Barreiras, a feira surgiu da necessidade das pessoas residentes na zona rural, na maioria pequenos produtores agrícolas e pescadores, trocarem seus produtos por “coisas” diferentes, reforçando a noção econômica de equivalência entre os objetos. Portanto, toda produção de ovos, galinhas, pequenas criações, verduras e cereais era negociada na cidade.

As feiras livres de Barreiras não diferem, em suas principais características, de outras feiras praticadas na Região Nordeste, de modo específico. Entretanto, sua evolução consagrou a venda de produtos manufaturados (confeções, produtos de higiene, alumínio e plástico) aos agricultores.

Assim, a leitura imediata que se tem da feira é de um território que atende às necessidades dos frequentadores com a oferta de produtos *in natura*, de produção caseira (queijo, requeijão e doces) e alguns produtos industrializados⁴. Menciona-se, também, a venda de raízes como barbatimão, aroeira, crista de galo e catinga de porco, bem como os diferentes remédios caseiros produzidos com estas matérias-primas; o destaque fica por conta da *propaganda* adotada pelos “erveiros” através de rimas, versos, dizeres antigos, receitas e conhecimentos medicinais para manter e conquistar novos fregueses.

Interpretar os conteúdos ministrados em sala de aula através da “leitura” das feiras livres de uma região marcada pela miscigenação de crenças, valores e costumes passou da condição de desafio para alcançar a proposta dialógica envolvendo professores e

³Formado em Comunicação Social (UEPB), Mestre em Sociologia pela UFPB, Coordenador e Professor do Curso de Comunicação Social, com Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Faculdade São Francisco de Barreiras - FASB (marden@fasb.edu.br)

⁴Entrevista realizada com a historiadora Ignez Pitta pelos alunos da turma de 1º Ano como parte das atividades de “leitura” das feiras livres de Barreiras.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

alunos das duas turmas do Curso de Comunicação Social da FASB em funcionamento no ano 2001⁵. A idéia tinha como sustentação o fato de se promover a primeira atividade “interdisciplinar” vivenciada com fins à apresentação de um produto sócio-educacional resultante de uma visão amplificada do processo da comunicação.

Antes de representar uma atividade meramente acadêmica, o ato de efetuar uma “leitura” semiológica das feiras livres de Barreiras (Avenida) e Barreirinhas (bairro) tinha um propósito claro: envolver os alunos com sua própria cotidianidade e, a partir desse processo de sensibilização, promover o resgate da feira enquanto espaço de manifestação de uma localidade cultural, extraindo cenas e passagens de uma história contada em poucos versos pelos habitantes locais, mas num cenário polifônico a esperar uma intervenção para além das ações governamentais.

Levantar aspectos como “a distribuição espacial dos feirantes”, “vigilância sanitária”, “feira do rolo”, “consumidores”, dentre outras temáticas a serem descritas pelos alunos observadores representou um amplo diagnóstico sobre as feiras a ser divulgado pela Instituição através da elaboração de um documento e, também, pelos meios de comunicação de massa do município⁶.

As feiras livres de Barreiras acontecem diária e semanalmente, reunindo diferentes elementos das manifestações culturais nordestinas, de modo especial, convivendo com outras influências regionais surgidas enquanto parte do fenômeno migratório pelo qual vem passando a região Oeste da Bahia nos últimos 20 anos.

2. CARACTERIZAÇÃO DOS ASPECTOS DE OBSERVAÇÃO DAS FEIRAS PELOS ALUNOS

A participação dos alunos do Curso de Comunicação Social representou ponto de destaque nesta atividade, visto que os grupos de observadores e as respectivas temáticas

⁵O Curso de Comunicação Social da FASB foi autorizado a funcionar em 30/03/2000 (Portaria Ministerial N.º 437), com a Habilitação em *Publicidade e Propaganda*.

⁶A atividade ganhou destaque na mídia local (uma emissora de rádio fez uma entrevista *in loco* com alunos e professores; a única emissora de televisão local pautou uma matéria sobre a atividade, cuja exibição aconteceu uma semana depois de concluída a pesquisa).

de pesquisa já tinham sido previamente definidos em sala de aula, conforme mencionado anteriormente.

Em princípio, a conversa com os feirantes ofereceu detalhes sobre as condições de trabalho, os negócios realizados em comparação com outros espaços de troca (equivalência), os preços praticados, transportes empregados no deslocamento dos produtos (carroças de tração animal, carro particular ou carro-frete), formas de organização da categoria e rendimentos familiares.

Ao verificar as condições de trabalho dos feirantes nos dois espaços pesquisados, os alunos concluíram que o (des)interesse do poder público municipal “comunica” a visível *“falta de organização nas feiras livres de Barreiras”*⁷.

Com base nessa imagem, um outro grupo pesquisou as possíveis mudanças e reformas a serem feitas, principalmente na “Feira da Avenida”, considerada permanente. Neste caso, obtiveram informações de que a Secretaria de Desenvolvimento Econômico dispõe de um plano para ampliar e modernizar o ambiente, sem considerar a opinião dos feirantes. Estes, por sua vez, dispõem de uma lógica própria de organização do seu espaço de negociação que se diferencia completamente da “padronização” de galpões e boxes recomendada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, através de cursos e treinamentos pasteurizados oferecidos aos feirantes.

Em se tratando da mudança da “Feira de Barreirinhas”, que acontece somente aos domingos, a situação de existência de uma capela da Igreja Católica no local vem gerando desentendimentos com o clero, que considera o comércio do tipo feira uma “bagunça natural” que atrapalha o desenvolvimento das atividades religiosas. Os próprios feirantes sugerem um isolamento da área destinada ao templo como tentativa de minimizar os constantes conflitos com o clero. Não foi à toa que o Padre Cristiano Mayer, pároco da capela, mandou pintar dizeres bíblicos na fachada da Igreja que se reportam ao episódio de purificação do templo por Jesus: *“Não façam da casa de meu Pai um mercado”*.

⁷Trechos dos relatórios produzidos pelos alunos de Comunicação Social da FASB em junho de 2001. As citações que se seguem também são originadas dos documentos produzidos pelos grupos.

É verdade que quase todos os entrevistados concordam que as duas feiras carecem de higiene, organização, qualidade de vida, saneamento básico e precária infra-estrutura. *“Falta de tudo: local para estacionar veículos (carros, caminhões, carroças, bicicletas e motos); faltam sanitários públicos e conservação dos já existentes; a higiene passa longe dos açougues, lanchonetes e outros locais de refeições (“praça da alimentação”); reina completa desordem na arrumação das barracas, armadas de qualquer jeito, sem um planejamento mínimo...”*. Apesar disso, o grupo constatou que a população não quer mudar; deseja apenas mais conforto.

A distribuição espacial dos feirantes é, de fato, aleatória, cuja “estética” encontra justificativa na maneira como os antepassados arrumavam os produtos em ambiente similar. Até mesmo na feira do centro da cidade, enfrenta-se este tipo de problema. As roupas aparecem misturadas com verduras, cereais, bancas de CDs “piratas” e eletroeletrônicos.

O que acontece é que cada feirante promove a exposição de suas mercadorias de acordo com suas condições sócio-econômicas, prevalecendo em alguns casos o “bom senso” mercadológico. Essa falta de organização identificada na maioria dos estabelecimentos comerciais instalados nas duas feiras “comunica”, segundo análise dos alunos, a oferta de diferentes produtos num só lugar para satisfazer necessidades diversas e inesperadas; numa barraca é possível encontrar ao mesmo tempo produtos de couro, ferramentas, peças para fogão, borracha, cereais, raízes, “petinhas” (uma espécie de biscoito caseiro) e derivados do leite.

Mas a criatividade também participa desse encontro, e alguns produtos são cuidadosamente arrumados aproveitando as cores como forma de “apelo” para atrair os consumidores pela visão. Garrafas e recipientes plásticos, por exemplo, ajudam a evidenciar o tom dourado da “manteiga de gado”.

A maioria dos consumidores reconhece a feira enquanto espaço privilegiado à compra de produtos de qualidade, justificando sua preferência principalmente pelo bom atendimento por parte de alguns feirantes. *“Venho aqui porque encontro tudo fresquinho e variedades; os feirantes são simpáticos e o preço é muito bom, mas o grande problema é a sujeira. Mas o que mais gosto é de encontrar minhas amigas do grupo da terceira idade para me divertir, saindo da rotina e colocando as fofocas em*

dia.” A opinião bem humorada de Dona Estelita, uma senhora de 67 anos, também aponta a extensão cultural da feira como espaço de encontros sociais.

Para Dona Izadora, 37 anos, realizar compras na feira é uma questão de prescrição médica. *“Tenho um filho de sete anos com problemas broncopulmonares, e por isso não podemos consumir verduras com agrotóxicos. Aqui encontro o necessário para alimentar meu filho, mas mesmo assim esterilizo tudo porque não confio na higiene...”*.

Normalmente, os consumidores costumam chegar logo cedo à feira para evitar o calor excessivo, bem como dispor de variedades de produtos com o padrão de qualidade indicado pela “boa aparência”, principalmente frutas, verduras e carnes.

Foi possível observar que alguns consumidores, após as compras, freqüentam as barracas de comidas típicas para apreciar pratos de buchada, sarapatel, mocotó, rabada, carne de bode e carne de sol. Geralmente a comida é preparada ao ar livre, com panelas, pratos e talheres expostos. Dessa maneira, o cheiro da comida se propaga de modo a aguçar o paladar dos visitantes.

A maioria dos frequentadores está consciente de que a higiene praticamente não existe. Os informantes justificam que se alimentam nesses lugares devido ao tempero e às especialidades das cozinheiras, a exemplo da carne de bode e do sarapatel. O cardápio vem sempre acompanhado de cerveja, músicas baiana e sertaneja e alguns jogos como passatempo e diversão num espaço também consagrado ao lazer das camadas populares, inclusive de “paqueras” e “encontros amorosos”.

Os próprios vendedores de comidas na Feira de Barreirinhas admitem que a higiene é precária, principalmente pela falta de saneamento no local. Existe apenas um ponto de água no mercado para atender a todos. *“Houve uma época em que a vigilância sanitária exigiu torneiras nos baldes, mas depois abandonou o projeto”* (Dona Elizabeth, 32 anos). Neste caso, a imagem imediata é de que a intervenção da Vigilância Sanitária de Barreiras é esporádica e assistemática, o que torna o assunto saúde pública motivo de calamidade no município.

O mercado de carnes expõe cortes de animais como boi, porco e bode à luz solar, poeira, moscas e, ainda, ao toque digital de clientes e feirantes que preferem conferir com as próprias mãos a anunciada qualidade do produto. Curiosamente, os peixes ficam espalhados no chão, à porta da Igreja (Barreirinhas).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em tese, o papel da vigilância sanitária é orientar o armazenamento dos alimentos (cereais, frutas, verduras e carnes) que deverão receber proteção adequada para que não haja infiltração ou possíveis riscos de contaminação dos ovos de moscas que causam sérios danos à saúde humana.

Quanto à fiscalização e segurança, o resultado é igualmente precário e os poucos funcionários existentes não conseguem sequer resolver as frequentes disputas de espaços possibilitadas pelo incremento da economia informal, o que geralmente exige a intervenção policial.

A chamada “feira do rolo” é um desses espaços onde a experiência humana da troca ou escambo de produtos nos reporta à Antiguidade. No local, legitima-se a fantasia de que coisas diferentes podem ser trocadas como se fossem iguais. Nesse plano subjetivo de equivalência, é possível trocar uma tomada de luz velha por um disco de vinil, tênis usados, aparelho de som ou outros produtos inusitados, a exemplo de calçados de pessoas que já morreram.

A prática do “rolo” na região desperta a suspeita de muitas pessoas por sua ligação a objetos originados de pequenos furtos. Poucos admitem a situação e tentam provar o contrário quando afirmam que começaram naquele negócio permutando produtos que não eram mais utilizados em casa. Conseguiram, inclusive, montar um pequeno negócio com os resultados positivos do escambo, uma forma de comunicação “marginal” de como sobreviver e estabelecer relações sócio-econômicas diferenciadas em tempos de desemprego, dentre outras hostilidades da globalização.

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA LER AS FEIRAS DE BARREIRAS

Faz-se necessário situar o município de Barreiras para que se possa entender as particularidades dessa experiência – a leitura do processo de semiose cultural evidenciada neste espaço sógnico de representação.

Barreiras situa-se no Oeste baiano e possui localização estratégica, fronteira entre os Estados de Goiás, Tocantins, Piauí e Minas Gerais. Nos últimos anos, em virtude do grande desenvolvimento agrícola, principalmente da cultura da soja e do

algodão, o município atraiu grande fluxo migratório, aspecto que lhe confere peculiar atipicidade. Na qualidade também de migrantes para essa região, chamou-nos a atenção essa diversidade cultural e um visível ofuscamento da cultura estritamente baiana, das raízes nordestinas que deveriam se fazer de modo mais efetivo em Barreiras.

Motivados pela busca da “baianidade” dentro da Bahia, encetamos um trabalho de pesquisa dos espaços que poderiam evidenciar tal aspecto, também como forma de resgate cultural, elemento que tem direcionado os nossos trabalhos acadêmicos no âmbito do Curso de Comunicação Social da FASB. O resultado dessa investigação levou-nos a uma vasta rede que desembocou nas feiras populares de Barreiras - rede tecida por fios invisíveis até formar uma vasta colcha de retalhos, “*trapos coloridos de um estranho festival de liberdade e afluência*” (MARCUSE, 1973).

Tal concepção sugere um processo de tessitura que ultrapassa a diversidade e empresta um caráter de totalidade a esse todo fragmentado, via de identificação desses fios que unem fragmentos tão distintos no nível da produção e do consumo de bens culturais. O espaço da feira, neste enfoque, evidencia-se marcado por intensa semiose cultural e, nesse particular aspecto, se (re)define como um espaço a ser “lido”.

O ato de ler envolve “*um operação complexa que envolve processos de codificação e decodificação, numa alternância de papéis ente emissor e receptor*” (CAMPOS, 1992:10). Considera-se, nesta perspectiva, todos os elementos no nível da emissão e da recepção de signos, representados pelas imagens que o espaço da feira proporciona.

A Semiologia barthesiana preconiza que “*toda imagem é uma narrativa*” (BARTHES,1992:13). Este pressuposto desdobra-se sobre um princípio da moderna narratologia em sua especificidade de analisar as imagens que uma narrativa contém, e não o caminho inverso como comumente tal análise se realiza. Nesse contexto, a imagem narra, pois representa e, se representa, significa (MARTINS, 2001: 93). O universo imagético compõe-se de dois segmentos distintos: representações materiais - nas quais a imagem é vista sob a perspectiva da representação visual, configurado pelo espaço objetivo, físico da feira; e, em segundo plano, representações mentais, imateriais, constituídas pelos símbolos, arquétipos e quaisquer esquemas de representação mental,

definido pelo espaço subjetivo da feira, configuração mental da representação dos indivíduos que atuam neste espaço.

Vale ressaltar que ambos os domínios articulam-se reciprocamente, considerando que, segundo SANTAELLA (1999:15), a representação visual emana do processo mental do indivíduo ou de uma coletividade, sendo o inverso igualmente verdadeiro. Todo modo de representação cultural delimita um sistema sócio-econômico e, dessa forma, toda prática humana insere-se em uma situação mais ampla. A forma de representação revela a ação do sistema sobre o pensamento, que assume um caráter sógnico, logo, a representação é imagem, um simulacro constituído a partir de um sistema de signos codificador de uma dada sociedade e de um sistema cultural.

Paulo Freire nos lembra que *“a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra, mas que se abriga na inteligência do mundo”* (FREIRE, 1982). Por analogia, “ler” as feiras de Barreiras, inclui-se em um processo mais amplo: leitura dos signos culturais que, por sua vez, remetem a uma visão crítica desse espaço.

As relações de produção e consumo, das quais as feiras populares são palco, instauram uma instância discursiva, na qual as cores (ênfaticadas pelo arranjo cuidadoso de flores, frutas e legumes), os cheiros (marcados pelos temperos regionais), os sons (registrados pelos “dialetos” dos feirantes e conseqüente diálogo com os fregueses) e as práticas sociais - representadas pelas relações de produção e consumo, pelo modo de comercialização de carnes, inclusive com destaque para a carne do bode, pela prática do escambo e pela “feira do rolo” (espaço marginal de comercialização de bens usados e de procedência não identificada), formatam um espaço sógnico genuinamente nordestino.

É nesse espaço que se evidencia uma tentativa de resgate da cultura nordestina que, na maioria das vezes, se enovela através dos nós representados pelo chimarrão sorvido quente pelos sulistas, sob um sol de 40 graus e convive relativamente com o acarajé da baiana que, típica e isoladamente, apresenta as iguarias que marcam a identidade cultural da Bahia. A esse contexto, somam-se os olhos rasgados de japoneses, da pele clara de gaúchos e catarinenses, o “uai” dos mineiros, o forte sotaque

de paulistas e paranaenses, a peculiaridade dos goianos e a contribuição de nordestinos de outros Estados.

Nesse contexto, o espaço da cultura de Barreiras é, pois, intertextual, “*idéia [que] não implica em harmonia, como característica definidora da cultura, mesmo porque não existe um, mas vários grupos culturais dentro de uma mesma sociedade*” (PAULINO e WALTY, 1995: 12). Feira e intertextualidade articulam-se, na medida em que, em seu sentido amplo, o processo intertextual envolve todos os objetos e processos culturais, tomados como texto. De um lado, o espaço sócio da feira, do outro, os personagens dessa modalidade narrativa apresentam-se e representam-se sob um ótica reterritorializadora, na medida em que os feirantes, em sua maioria, são nordestinos. A feira acaba definindo-se como o território no qual eles retomam e (re)alimentam a sua raiz identitária.

Segundo TOURRAINE (1988: 217), o tecido social não será costurado a partir das metades separadas da experiência do sujeito, mas somente *no e a partir* do indivíduo.

Para DELEUZE (1992: 217), o sujeito não é uma questão resolvida na exterioridade da cidadania, visto que somente pode-se falar de processos de subjetivação quando se considerarem as diversas maneiras pelas quais os indivíduos, ou mesmo uma coletividade, se constituem como sujeitos; no estudo em questão, sujeitos nordestinos.

O teórico Homi Bhabha, ao citar Michel Foucault, sugere que o signo da modernidade é uma forma de deciframento, “cujo valor deve ser procurado em *petits recits*, acontecimentos imperceptíveis, em signos aparentemente *sem* significado nem valor (...) exteriores aos ‘grandes acontecimentos’ da História” (BHABHA, 2001: 334).

Nesse sentido, as práticas sociais simples e genuínas evidenciadas no espaço da feira, enquanto “*locus*” de significação, emolduram um acontecimento em si, “*em forma de espetáculo que adquire significação por causa do deslocamento entre o acontecimento e seus espectadores*” (BHABHA, 2001: 335).

A Modernidade, tão distanciada das práticas medievais constatadas nas Feiras de Barreiras, a exemplo da prática do escambo, interpela frontalmente a História,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

assumindo um compromisso com a construção de uma postura específica de enunciação. São as teorias de Bhabha que permitem analisar o papel da Modernidade enquanto elemento que “*privilegia os que ‘dão testemunho’, os ‘que são sujeitados’*”, historicamente deslocados. O afastamento temporal feira/Modernidade confere um *entre-lugar* e um *entre-tempo* entre o acontecimento e sua circulação como signo cultural histórico, fator constitutivo da memória e da moral do acontecimento enquanto narrativa.

4. CONCLUSÃO

O envolvimento dos alunos do Curso de Comunicação Social da FASB na proposta de “leitura” das feiras livres de Barreiras representou um passo importante para o resgate das manifestações culturais da cidade. Os pressupostos teóricos discutidos em sala de aula também possibilitaram a compreensão das “*diferentes facetas nacionais da comunicação praticada pelo nosso povo*” (noção de Folkcomunicação) para, com isso, não incorrer na “*idéia de uma sociedade unicultural...*”, que contrasta diretamente com a natureza da organização social marcada pela estratificação (MELO, 1998: 185).

O espaço textual das feiras de Barreiras desloca a narrativa para o cotidiano e “fala”, a partir da imperceptibilidade das pequenas práticas, apreendendo-lhe o significado discursivo, movimento que corresponde a decodificar um mosaico, tal qual o concebe Walter Benjamin - estrutura constituída por centenas e centenas de pastilhas díspares, cada qual com uma coloração que dará sentido a uma totalidade, a qual, por sua vez, mostrará o porquê da coloração de cada uma. Ler as Feiras de Barreiras significa juntar peças e fios que compõem esta vasta rede cultural, na medida em que o processo de semiose cultural jamais se esgota.

5. BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A Aula*. São Paulo: Cultrix: USP, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- CAMPOS, Maria Helena R. “Para Ler as Letras”. In: Graça Paulino e Ivete Walty (Orgs.). *Teoria da Literatura na escola: atualização para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, 1992.
- COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 2).
- DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações, 1972-1990*. Peter Pal Peltart (Org.). Rio de Janeiro, 1992, p. 34.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- KRISTEVA, Júlia. “A Semiótica: ciência crítica ou crítica da ciência”. In: *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LUCENA, Roberto Marden. *Difusão de inovações na agricultura: o caso do dia de campo na Paraíba*. Dissertação de Mestrado defendida na UFPB. Campina Grande, 2000.
- MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARTINS, Maria Teresa Xavier. *Vitrine do Mundo: uma reflexão semiológica sobre o olhar no estatuto narrativo da imagem*. Dissertação de Mestrado defendida na UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.
- MELO, José Marques de. *Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PAULINO, G., WALTY, I., CURY, Maria Z. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SANTAELLA, Lúcia, NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SANTOS, Milton. *Globalização e meio técnico-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TOURRAINE, Alain. “O Sujeito”. In: *Poderemos viver juntos: iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.